



Pequenos Grandes Valores: uma Provocação à PósModernidade

Henrique Manuel da Silva Pereira*

São múltiplas e diversificadas as condicionantes da nossa vida. Ainda assim, procuramos pautar a existência por um conjunto de valores nos quais fundamentamos as nossas decisões e procuramos o fundo mais fundo: o sentido. Isto porque todos intuimos que o específico da nossa vida não reside apenas num conjunto de reacções químicas e de processos simplesmente biológicos, fisiológicos ou outros.

Na década de 80 tiveram grande mediatização filósofos, investigadores de ciências humanas portadores de discursos sobre o declínio do pensamento, das grandes narrativas, em suma, dos valores. Pairava a cultura do efémero (Gilles Lipovetsky) e do desencantamento do mundo (Marcel Gauchet).

Porém, “na aurora dos anos 90, a procura de uma nova ordem mundial, baseada na democracia, no respeito dos direitos do homem e das minorias culturais, relança o discurso acerca dos fundamentos dos nossos comportamentos, quer seja por entre as incertezas políticas, os problemas económicos ou as interrogações éticas”**.

É forte e decisiva a incidência da idade, ou melhor, da geração (pessoas nascidas durante um mesmo período, vivendo com a mesma idade o mesmo contexto geral, com as suas eventuais perturbações) sobre a concepção dos valores. O conflito de gerações provoca a emergência do conflito de valores, que não se justifica por mais nenhuma outra razão. Assim, “só o conflito de gerações produz valores por imperativos do próprio conflito”***.

Educar uma jovem geração num contexto extremamente pluralista como o nosso, é um enorme desafio. Passou-se do mero mimetismo à invenção. As novas gerações vêem-se constante e vertiginosamente constrangidas a renegociar os seus papéis e as suas identidades mediante processos de autorregulação.

O que agora se apresenta à vista pouco mais é do que a transcrição da oralidade exposta em forma de conferência nesta Escola, no ano de 1997. Conserva-se o tom coloquial que a suscitou. Quem a proferiu pede, por isso, a compreensão do leitor mais exigente. Não nos moveram preocupações académicas ou de *curriculum*. Tão só a procura duma comunicação descodificada, trabalhando essencialmente três conceitos - valor, moral e cultura - numa grelha de valores mais pessoais, de auto-realização (contrariando de algum modo a crescente tendência para um maior individualismo).

* Docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

** JAN KERKHOF - "Estado da questão moral na Europa de hoje" in *Communio* I (Jan-Fev, 1997). p. 13.

*** EURICO DE FIGUEIREDO - "Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal" in *Análise Social*. Vol. XXI (87-88-89) (1985). p. 1007.

INTRODUÇÃO

Ao aceitar o convite para aqui estar tentando falar-vos de “Valores”, senti-me um pouco como se me atirassem para dentro dum armazém de mercadorias várias, destinadas a serem por mim arrumadas por forma a constituírem um grande hipermercado, pelo qual, uma vez arrumado, vos conduziria e, com sedução de namorado e conversa de vendedor, vos levaria à compra.

Creio que não foi essa a intenção de quem aqui me convidou. Também não é a minha. O Hipermercado está montado. É a Vida. Quando entramos num hipermercado somos submetidos a cerca de trezentos estímulos por minuto: os psicólogos consideram esse fascínio um estado quase para-hipnótico. Somos bombardeados por uma quantidade imensa de estímulos conscientes e subliminares.

Agora ampliem esse hipermercado ao infinito e teremos o grande Hiper-Macromercado que é a Vida. Há zonas frias e zonas quentes. Zonas mais iluminadas, outras menos. Zonas mais publicitadas, outras menos. Zonas marcadamente masculinas, outras marcadamente femininas.

Já repararam que nos períodos de ponta, quando os espaços estão saturados, as megafonias deitam ritmos rápidos, como o rock, como que a acelerar as nossas compras; e que durante as horas fracas nos põem música tranquila para incrementar o nosso tempo de permanência e suscitar as nossas necessidades? E depois há toda aquela manipulação mais ou menos velada que nos conduz pelos corredores. Além, é claro, da magia da cor. Os efeitos psicológicos da cor são decisivos (sabiam, por exemplo, que o vermelho mais o amarelo traduz uma vontade de conquista e um desejo de novidade que sugerem amor à primeira vista? São ideais para produtos novos...)

A vida é um *hiper* ampliado. Uma grande superfície onde nos expomos a um fogo cruzado de influências e seduções.

Dizem-me daí que não vieram para ouvir falar de técnicas de *marketing*. Têm razão. Conservemos, no entanto, a imagem do hiper transmutado em Hiper-Macromercado da Vida.

I. PÓSMODERNIDADE

Como se caracteriza a Vida deste tempo, dito pós-moderno, em que vivemos?

Impõe-se que balizemos: Modernidade - após a Revolução Francesa. Pósmodernidade - após a queda dos regimes políticos totalitários dos blocos de Leste.

A melancolia

Um dia, Agostinho de Hipona disse a alguém: "Eu sei o que tu queres"; e perante o assombro do outro ele precisou: "O que tu queres é ser feliz". E o seu interlocutor obviamente disse-lhe que sim. Todos os homens - e os pósmodernos não são excepção - todos nós o que queremos é ser felizes. Aliás, é característica desta cultura em que vivemos uma forte tendência a viver "na maior".

No entanto, basta que passemos os olhos pela literatura, pelo cinema e, sobretudo, pelas letras das canções destas últimas duas décadas para vermos o reflexo de todo o tipo de solidões, depressões e frustrações, quase sem espaço para uma "alegria, (ainda) que breve".

"Cruzando o deserto sozinho" - diz Lipovetsky, curiosamente um dos partidários da pósmodernidade - "transpondo-se a si mesmo sem nenhum apoio transcendente, o homem actual caracteriza-se pela vulnerabilidade (face aos estados depressivos). Um sentimento de mal estar difuso, de vazio que tudo invade, um sentimento de absurdo de vida, uma incapacidade para sentir as coisas e os seres". E mais adiante, no mesmo livro: "A era narcisista (que seria a nossa) é ainda mais suicidogénea do que a era autoritária porque compõe uma personalidade cada vez mais incapaz de enfrentar a realidade nua e crua. Na América, os jovens entre os 15 e os 24 anos suicidam-se a um ritmo que duplica o número de há dez anos atrás e a um ritmo que triplica o número de há vinte anos atrás"...*

Ou seja, se a modernidade já parecia inóspita, certo é que a pósmodernidade não só não encontrou o *elixir* da felicidade como parece ter caído também em cansaço psicológico.

A fragilidade

A fragilidade parece ser outra das características do sujeito pósmoderno.

Com a sua melodia promete indivíduos mais livres, porque não amarrados a nada nem a ninguém. Viveriam sempre o momento presente como um bom selvagem. (A música "Nasce selvagem", de Miguel Ângelo e Fernando Cunha, dos *Resistência*, parece-me um paradigma: "... mais do que a um país, mais do que a um partido ou religião... tu pertences a ti, não és de ninguém!"**). (Não andarás por aqui uma subreptícia fuga à exigente e constitutiva responsabilidade do dever que as circunstâncias impõem ao nosso eu?).**

Só que esta é a liberdade da folha que cai da árvore e da qual o vento põe e dispõe. Talvez fosse bom reflectir se o desmoronamento de todas as crenças e de todos os

* GILLES LIPOVETSKY - *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água, s/d.

** *Resistência ao vivo no armazém* 22. Lado A, faixa 3.

*** Seria com certeza proveitoso lançar os olhos numa leitura paralela para: GILLES LIPOVETSKY - *O crepúsculo do dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

valores é verdadeiramente uma libertação, como dizem os pósmodernos, ou se, pelo contrário, é uma catástrofe... Não cabe aqui esta reflexão.

Importa reter apenas a *fragilidade*, que leva o homem desta cultura a reduzir-se a uma maquiagem sem identidade pessoal.

Vattimo diz mais, diz que a pósmodernidade leva por diante “uma cura de emagrecimento do sujeito”*. Há que ver que não emagreça de tal forma que deixe de se ver ou ser...

Bom, retenhamos a melancolia e a fragilidade como características deste rio do tempo em que nadamos.

Para sair daqui talvez fosse preciso passar por:

- uma revalorização da experiência religiosa como encontro com o Amor,
- uma teologia que não maltratasse o mistério (porque a vida é misteriosa!),
- uma reivindicação de um cristianismo festivo (dimensão tão bem aproveitada pelas seitas...).**

Liberdade ou programação?

Resta saber se neste rio somos livres ou programados. O nosso poeta Fernando Pessoa escreveu:

*“Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir /
o meu coração só com dificuldade atravessa o rio a nado /
porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram vestir”.*

Os homens, as mulheres, a sociedade, fazem-nos vestir fatos que nos apertam. Que nos tolgem os gestos, que nos condicionam decisões, que nos aprisionam. Além disso: “A vida tem mais imaginação que os nossos sonhos”.

Resta saber se no meio de tantos condicionalismos somos seres livres ou meros autómatos programados.

Entre todos os saberes possíveis e descontraídos, existe pelo menos um que parece unânime: o de que certas coisas nos *convêm* e outras não, e que aquilo que vai ser a nossa vida é, pelo menos em *parte*, resultado do que cada um de nós quiser. Se a nossa vida fosse algo completamente determinado e fatal, irremediavelmente, todas estas questões careceriam do mínimo sentido.

Há poucos dias, li o livro de Fernando Savater - *Ética para um jovem**** - onde o autor falava daquelas formigas-brancas que, em África, constroem formigueiros impressionantes, com vários metros de altura e duros como pedra. São as térmitas. Como o seu corpo é mole por não ter couraça de quitina que protege outros insectos, o formigueiro serve-lhes de carapaça colectiva contra certas formigas inimigas, mais

* GIANNI VATTIMO - *El fin de la modernidad. Nihilismo y hermenéutica en a cultura postmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1986, p.46.

** Cf. LUIZ GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA - *Ideas y creencias del hombre actual*. Santander: Sal terrae, 2ª edição, 1992 p. 183-190.

*** FERNANDO SAVATER - *Ética para um jovem*. Lisboa: Ed. Presença. (1991), p. 21-22.

bem armadas do que elas. Mas por vezes um dos formigueiros é derrubado, por uma cheia ou um elefante (os elefantes gostam de coçar os flancos nas termiteiras). Então imediatamente as térmitas-operário começam a trabalhar para reconstruir a fortaleza afectada e fazem-no com toda a urgência. Entretanto, já as grandes formigas inimigas se lançam ao assalto. As térmitas-soldado saem em defesa da sua tribo e tentam deter as inimigas. Como nem no tamanho nem no armamento podem competir com elas, penduram-se nas assaltantes tentando travar o mais possível o seu avanço, enquanto as vorazes mandíbulas as vão despedaçando. As operárias trabalham com toda a velocidade e esforçam-se por fechar de novo a termiteira derrubada. Mas acabam por deixar de fora as pobres e heróicas térmitas-soldado, que sacrificam as suas vidas pela segurança das restantes formigas. Não merecerão, pelo menos, uma medalha? Não será justo dizer que são heróicas? Infelizmente, não. Elas lutam e morrem porque têm que o fazer. Estão *programadas* necessariamente pela Natureza.

Na *Iliada*, Homero conta a história de Heitor, o melhor guerreiro de Tróia, que, de pé firme, fora das muralhas da sua cidade, espera Aquiles, o enfurecido campeão dos Aqueus, embora sabendo que Aquiles é mais forte do que ele e que provavelmente o vai matar. Fá-lo por decisão (podia inventar uma dor de barriga, uma objecção de consciência qualquer, mas não). Fá-lo para cumprir o seu dever, que consiste em defender a família e os concidadãos do terrível assaltante. Heitor, como todos nós, é livre. É esta a nossa liberdade original, liberdade de dizer "sim e não" (até a Deus...). Não estamos programados necessariamente. Somos, portanto, livres. E perante o mistério que envolve as coisas inevitáveis, temos ainda a liberdade de tomar esta ou aquela posição, uma ou outra forma de encarar o sucedido. *A liberdade é então o nosso valor mais fundamental*. Pode também ser, como advertia Sartre, a nossa maior tragédia. Tal acontece na maioria das vezes em que entramos em terras já alheias a esta, na libertinagem.

Podemos viver de muitas maneiras, mas há maneiras que não deixam viver ou nos gastam na alienação, como se dormíssemos. Daí a importância de nos agarrarmos a algo com valor.

A liberdade é uma tarefa do nosso ofício de viver. O homem é uma estrutura dinâmica, não apenas porque é uma liberdade que se empenha, escolhe e decide, mas porque tem a capacidade de discernir o Bem do Mal. Deve, pois, mergulhar no futuro com um projecto, um fim. Sem ele, o agir revela-se inconsistente e sem sentido. E na medida em que concretiza esse projecto na existência, realiza-se num "desenvolvimento vital"*.

Na prossecução desse fim, a vida exige-nos decisões. Porém, uma decisão só tem interesse quando não é imposta, mas livre, quando brota de nós mesmos**.

* J. M. AUBERT - "Pour une épistémologie de la morale chrétienne" in *Studia Moralia* 18 (1) (1980), p. 83-106.

** Cf. BERNHARD HARING - *Une morale pour la personne*. Paris. Ed. Mame, 1973.

É na nossa existência concreta e necessariamente situada que experimentamos a nossa condição de livres e condicionados (não programados): seres em projecto e em concreto.

Como encontrar então nesta teia de influências e seduções o caminho das pedras? Como distinguir o que é um Valor?

O QUE É UM VALOR?

A definição de valores é pouco relevante. Até agora não se conseguiu ainda um entendimento sobre ele. Em 1971, partindo da leitura de alguns 4.000 artigos e obras, Lautmann elencou cerca de 180 definições desse conceito.* Ainda assim, um valor é sempre uma relação entre um objecto e um padrão utilizado pela consciência que avalia uma acção realizada ou a realizar. No aspecto filosófico, é pela análise das nossas atitudes práticas (não-teoréticas) e pela reflexão sobre as mesmas que conseguimos atingir a consciência de valor na sua essência. A questão sobre a natureza da moralidade, da arte e da religião conduz, por esta perspectiva, à essência dos valores éticos, estéticos e religiosos.

É curioso que o primeiro uso técnico desta palavra se deu no universo da economia política... Seja como for, em sentido concreto valor designa o ser considerado "valioso"; em sentido abstracto, valor exprime a "validade" ou o "valer", aquilo que torna valiosos os seres.

Antes de mais, o valor é um aspecto do Bem, tanto no plano fenomenológico como no ontológico. A natureza ontológica do valor reside na plenitude de ser ou de *perfeição*. O mundo moderno acrescentou-lhe uma referência ao sujeito - o valor vale para "alguém"...

Dizer-vos que a maior parte dos valores apresentam uma certa *bipolaridade*, um polo positivo e um negativo (por exemplo bom/mau, bonito/feio) é com certeza embalar-vos. Também o é certamente dizer-vos que os valores têm por característica a *heterogeneidade*: diferem qualitativamente, não se podendo encontrar entre eles um "denominador comum"; e que nesta heterogeneidade, os valores se apresentam e são objectivamente *hierarquizados*.

Continuando a aborrecer-vos, digo-vos ainda que a heterogeneidade e a hierarquia fundamentam diversas *classificações*: do ponto de vista formal, material, geral, utilitário, infra-humano (sem sentido pejorativo: biológico, de sensibilidade...), moral e religioso.**

* Sobre estas dificuldades, veja-se, por exemplo: D. MIETH - "Continuidad y cambio de valores" in *Concilium* 211 (1987). p. 419-432; L. M. PUJANA - "Ambigüedades y tensiones en torno al concepto de valor" in *Estudios de Deusto* 37 (1989). p. 207-219.

** Para ulterior aprofundamento na linha da essencialidade: GUSTAVO DE FRAGA - "Filosofia dos valores" in *Logos* nº5. Lisboa: Verbo, 1992. p.398-400.

COMO CAPTÁ-LO?

Como apreender ou captar o que é valor? A ideia de perfeição, e com ela a de valor, só se nos tornam inteligíveis mediante um certo dinamismo, pelo menos no plano do ideal: "perfeito" é o ser "acabado", feito até ao fim. A apreensão do valor pressupõe uma tendência anterior a qualquer conhecimento reflexo: a realidade é percebida como válida ou não, segundo responde ou contradiz essa tendência. Tal acordo ou contradição não é, porém, objecto de conhecimento, mas a sua condição subjectiva; o que é conhecido é ainda e só a "projectão" deles no ser em questão (não é isso que acontece com os namorados nos primeiros tempos de namoro?).

Um valor não é "conhecido" a não ser no acto em que é efectivamente "apreciado", valorizado, provado; acto que não se limita ao puro "pensar". Encontramo-nos assim perante a diferença entre "saber" e "realizar", muito desenvolvida por Newmann e frequente nos autores espirituais: "*conhecer um ser amável sem o amar é desconhecê-lo*", disse Stº Agostinho (e este, por experiência, sabia do que falava). Exupéry, no seu sublime "*Príncipezinho*", não disse que "*só se conhece bem com o coração*"?

Ao certo, ao certo, descobre-se um valor quando com ele conseguimos uma *unidade* em que a "validade" seja real, plenamente valiosa, absoluta (sem a distinção, de que falámos há pouco, entre concreto e abstracto): *O Ser Ideal*. É por isso que se diz também que o valor *transcende*, vai além dos seres em que se verifica realizado. Nenhum ser belo (pessoa ou objecto) esgota, p.ex., a beleza. E se isto é verdade, também não há destruição de ser algum capaz de destruir a beleza... O valor está acima...

A perseguição dos valores superiores (e como vêem estamos já na grelha de classificação e hierarquia) pode ter tanto de perigoso e excessivo como de realização integrada (para ilustrar o primeiro, lembro-me assim de repente, duma M. Duras, na escrita, dum Van Gogh, na pintura; para o segundo, duma Teresa de Ávila, na contemplação e, apetecia-me dizer, duma Paula Frassinetti na ternura activa).

Para meu próprio descanso, apetecia-me agora falar-vos de coração a coração (o que, *a priori*, também não me garante que deixe de vos aborrecer.)

A PORTA ABRE PARA DENTRO

Dissemos atrás que um valor é sempre uma relação entre um objecto e um padrão utilizado pela consciência. Ora, a consciência é algo de interior. Então julgo legítimo concluir que a porta que conduz à descoberta dos valores abre para dentro.

(Devo confessar-vos que embora consciente dos seus riscos - pela multiplicidade de caminhos que evocam - sou um maniaco de imagens).

Pensem na vida de cada um de nós, na nossa vida interior, como uma orquestra.

A Música da Vida

Nela se tocam a parte mágica da mente, a parte sexual da mente, o valor do pensamento, as decisões, as acções, a agressividade, etc...

Quando conseguimos uma afinação, temos a harmonia; quando, de repente, a orquestra toca sob o predomínio de um comportamento ou de uma parte, temos o ruído, a imperfeição, o não valor, a doença, se quiserem. Uma espécie de instrumento que persiste em tocar a solo quando devia estar calado ou fundido com os outros.

Estou a meter a foice em seara alheia e sem créditos, mas o que são as tão faladas depressões ou *descompensações emocionais*? Há uma parte da pessoa que tem tendência a ocupar o todo, quer dizer, domina a pessoa. A vida da pessoa passa a ser em função disso, como se isso fosse o único valor. Ora, parece-me que, tal como um hipermercado onde os produtos se arrumam, ou como uma orquestra onde os instrumentos se harmonizam, também a música da vida só se fará na harmonização de múltiplos valores.

Sabendo o que é um valor, metidos num Hiper-Macromercado de seduções e rios de influências, querendo a harmonia na música da vida, como encontrar para esta orquestra o rigor dos tempos, a lucidez e a certeza na entrada dos compassos? Onde encontrar a batuta?

A Batuta

Atrás dissemos também que ao certo, ao certo, *descobre-se um valor quando com ele conseguimos uma unidade*. Essa descoberta acontece então na consciência. O II Concílio do Vaticano definiu espantosamente a consciência: *santuário íntimo do nosso encontro com Deus*. Logo, e indo mais fundo ainda, aquela unidade só me parece possível na oração (coisa esquisita, não é?). Mas é ela a batuta das grandes sinfonias íntimas, o grande valor esquecido. É ela que torna incapaz a desagregação do nosso eu e o conseqüente falhanço da nossa música. É ela, entendida como encontro com o absoluto perfeito, que nos congrega e cria o céu na terra.

Pergunto-me muitas vezes se o cristianismo é uma proposta de felicidade para homens e mulheres inteiros ou, pelo contrário, uma proposta para fracos, que recorrem às Igrejas como a companhias de seguros celestiais.

Será a vida dos cristãos uma eterna Sexta feira roxa, um vale de lágrimas com um rosto falsamente feliz? Será a celebração da fé um sentimentalismo piegas e a Igreja, com os seus preceitos e anátemas, uma agência funerária encarregada de sepultar alegrias e esperanças?

A propósito desta questão de valores, tenho vindo a reflectir nas propostas do Magistério da Igreja. Pareciam-me receitas fora de tempo, bolorentas e inúteis. Começo a vê-las mais como fasquias a apontar para uma plenitude, para o ideal do Homem

plenamente integrado e afinado.

Lutamos, esforçamo-nos, esbracejamos e nada; caímos para o lado, tentados a cruzar os braços e a ir na primeira onda.

Porém, no fundo de nós mesmos, há uma voz a gritar-nos e a chamar-nos "cobardes". É a consciência, aquilo que temos de mais íntimo...

Sabemos por experiência que a voz da consciência é tão frágil que quase a podemos sufocar, mas é tão pura que é impossível esquecê-la.

Não estamos sós, é importante dizê-lo. Não estamos sós. Ainda que às vezes pareça que Deus não nos liga nenhuma e dorme voltado para o outro lado. Não estamos sós. Ele está lá.

Há uma história de que gosto particularmente:

"Era uma vez uma criança. Uma criança que tentava levantar uma pedra. Porém, e apesar do seu esforço, nem sequer a conseguia mexer.

O pai, que a observava há já algum tempo, disse-lhe finalmente:

- Ouve, tens a certeza de que estás a usar toda a tua força?

- Claro que tenho! - respondeu o filho.

E o pai:

- Não estás não. Ainda não me pediste ajuda".

De vez em quando é bom questionarmos aquilo que tomamos por valor(es). Precisamos de nos enfrentar a nós mesmos olhando-nos de frente. Temos essa obrigação, sob pena de começarmos a "meter água" na orquestra.

"Sous la pavé la plage"

Das coisas mais lindas que se escreveram no agitado Maio de 1968: "Sous la pavé la plage"; "Debaixo das pedras está a praia". A consciência onde Deus fez o seu santuário.

É nela que ressoa mais nítida a aquela frase vinda do fundo do tempo: "Só a verdade vos libertará".

"Só a verdade vos libertará"

A verdade. A verdade por nós mesmos. A verdade para nos sentirmos livres. De pé, por dentro. A verdade para com Deus e para com os outros.

É daquela praia (onde nos encontramos inteiros) que levantam as asas da lucidez por entre os corredores do Hiper-Macromercado da vida; as asas da alegria contra os céus da melancolia e os sentimentos de mal estar difuso, de vazio que tudo invade, contra um sentimento de absurdo de vida, uma incapacidade para sentir as coisas e os seres. É nela que "engordamos" como sujeitos (entendidos como centro de

decisões).

Responsabilidades e dever

É daquela praia esquecida que mais facilmente um outro valor (tão escorraçado!) pode ganhar consistência: o valor materializado no *assumir das responsabilidades e do dever*. (Esqueçamos o imperativo categórico de Kant). As responsabilidades prendem-nos à vida. São âncora que nos segura para não sermos casca em mar agitado.

Penso que a outra face, cara e côroa, da responsabilidade é o vazio e a alienação. São os parentes mais próximos e as ovelhas negras duma grande família de valores.

De todos os remorsos do homem, o mais cruel é talvez o do inacabado (já vimos que uma das características do valor é tender para a plenitude perfeita). O do não mergulhar até ao fim nas nossas responsabilidades, o não arrancar o coração e entregá-lo ao que elas nos exigem.

Penso (também) que é por não assumirmos as responsabilidades que exigimos mudança, que seguimos a miragem doutros canteiros de jardim, que vamos espalhando cores para pintar outros mundos sem nos darmos conta de que pintamos apenas muralhas, tratando de preservar acordes do nosso silêncio profundo, cada vez mais distante.

É preciso separar muitas águas e estas exigem que algo de nós morra para que algo de maior nos faça viver.

Acredito que na escuridão do seu ventre, as responsabilidades trazem uma paradoxal germinação de vida, uma lógica que nos ultrapassa. E sem nos explicar que Deus existe, descrevem-nos o subtil mistério das coisas e do fio evolutivo que nos conduz.

Alegria

Este assumir de responsabilidade como um valor é afluente dum outro: do *valor da alegria*. E não são precisas estridências de gargalhadas. É a alegria serena que irradia e parece florir como o tojo ou o alecrim entre as fendas do granito.

É por isso que a alegria depende muito mais do coração do que da razão, o que não significa um acreditar cego e "inocente" que leva a uma alegria de tolo...

Vivendo nós num tufão de coisas, rodeados de impressões diversas, nem sempre nos é fácil segurar a alegria e abstrairmo-nos de tudo quanto no-la possa tirar.

Se a alegria se funda no de fora, virá e partirá segundo os acontecimentos, as marés, mas se se faz radicar no coração, e este se amuralha bem, não haverá perigo. Quando o de fora nos move à tristeza, deitemos um olhar para dentro, ao mais secreto da alma, e pode que aí encontremos a alegria.

Sair do "eu"

Viver para o outro como condição de felicidade é um valor. É a lição da corrente dos elos que encontramos ao subir as escadas desta Escola, a dizer-nos que a sua força, harmonia e solidez é o somatório do ser de cada elo. Quer ser uma das marcas de diferença desta Escola de Educação e parece-me que o consegue muito bem.

Altruísmo em marcha de caranguejo

O *altruísmo* é um valor. Traduzindo embora algo muito semelhante à caridade cristã, está, porém, privado das raízes profundas que dão à caridade um valor teológico e um vigor sobre-humano.

A nossa época é também dita "pós-moralista". Já não se acredita na exigência de uma educação moral elevada; a inculcação dos princípios morais superiores já não passa de um objectivo marginal da educação dada às crianças.

Questionados, em 1989, sobre as duas coisas que os pais lhes haviam verdadeiramente ensinado, os jovens entre os 13 e os 17 anos colocavam à cabeça a necessidade de trabalhar para ter uma boa profissão (75%) e a capacidade de se desembaraçar sozinho na vida (45%). O respeito pelos princípios morais só era citado uma vez em cada quatro.

Mais do que qualquer outro, o princípio altruísta perdeu a sua força de obrigação e moral e o seu estatuto predominante na hierarquia dos valores: quando se pede que se escolham, numa lista de dezassete qualidades morais, cinco virtudes que se desejaria ver inculcar prioritariamente nas crianças, apenas 15% dos europeus se lembram de mencionar o *altruísmo*. A obrigação de ajudar e de socorrer o outro ocupa apenas o 14º lugar em dezassete.

Ou seja, "viver para o outro", que constituía a mais elevada virtude, tornou-se uma máxima subalterna que já não se julga necessário propor às crianças. ("Que diferença vai de bom para burro?").

Porém, para alguns sociólogos, o indivíduo contemporâneo não é mais egoísta do que outrora, apenas exprime, sem rodeios, a prioridade individual das suas escolhas (tão longe da descida do grão à terra, do morrer para ressuscitar no outro...).

Assim sendo, o que é novo é que já não é verdadeiramente imoral pensarmos apenas em nós próprios, o referencial do eu adquiriu direito de cidadania.

É certo que são muitos os pais que desejam que os professores possam voltar a dar educação moral e cívica. Mas que significado dar a esta expectativa quando se constata o enfraquecimento da moral nos valores transmitidos pelos pais e a pouca autoridade de que é dotado hoje em dia, o dever de nos consagrarmos aos outros?

A honestidade, a civilidade, o respeito pelos pais? Claro que sim, sem dúvida

nenhuma! A obrigação de se dar? O sacrifício do "eu"? Claro que não!

Nas nossas sociedades, o altruísmo erigido em *princípio* permanente de vida é um valor desqualificado, associado a uma vã mutilação do eu: a nova era individualista conseguiu a proeza de atrofiar nas próprias consciências a autoridade do ideal altruísta. Desculpabilizou o egocentrismo e legitimou o direito de cada um viver para si próprio.

Sabemos que aos olhos da moral ideal, o eu não tem direitos, apenas deveres. A cultura pós-moralista, a nossa, trabalha manifestamente no sentido inverso, aumenta a legitimidade dos direitos subjectivos e diminui correlativamente a do dever de abnegação.

O espírito de sacrifício, o ideal de preferibilidade do outro estão desacreditados: mais direitos de existência para nós próprios, nenhuma obrigação de nos dedicarmos aos outros, tal é, em termos radicais, a fórmula do individualismo.

Dizer que o ideal perdeu o brilho, não significa que reine o "estado selvagem" e de indiferença total ao outro. Não vir em ajuda de alguém em perigo é considerado uma falta grave pela esmagadora maioria das pessoas, as violações de jovens mulheres, não socorridas pelas testemunhas, suscitam uma enorme indignação. (Sabemos do número de dadores de sangue... do número de doações para os países do terceiro mundo...).

O que perdeu legitimidade não foi o princípio que determina se auxilie o outro, mas o que determina que se viva para o outro (são muitas as doações para a casa do Gaiato. Porém, faltam "mães"...)

Ou seja, queremos ajudar os outros, mas sem nos empenharmos muito, sem darmos muito de nós próprios. Generosidade sim, na condição de ser fácil e distante, que não se faça acompanhar de uma qualquer renúncia. Somos favoráveis à ideia de solidariedade, desde que esta não pese demasiado sobre nós.

Fraternidade

Vivemos num esquecimento daquilo que fecunda as raízes. Se esta quer ser uma Escola diferente, terá que refontalizar aquilo a que chamamos o valor da **fraternidade**, isto é: irmãos, porque filhos dum Pai comum, Deus.

As palavras altruísmo, filantropia, solidariedade, e até amizade, revelam-se pobres em face desta outra maior: fraternidade.

Lei do eco ou o homem lobo

Por experiência, todos sabemos o que significa viver com pessoas desagradáveis: pessoas que para nós são duras, opacas, agressivas, impenetráveis... pessoas que, de qualquer ângulo que as vejamos, nos parecem sempre antipáticas e até odiosas. A

antipatia é um fenómeno estranho, diabólico (porque divide, este o significado da palavra diabo, o que divide...).

Primeiro ponto curioso: a antipatia frequentemente afigura-se como mútua: cai-me mal a pessoa a quem eu caio mal. Outro dado interessante: a pessoa que me cai mal, nem sempre cai mal a todos os outros. Pelo contrário, essa mesma pessoa pode ter muitos e excelentes amigos. Às vezes, por estranha coincidência, amigos que também são meus amigos.

Há quem não morra de amores por mim. Sei-o. Há, pelo contrário, quem o faça, quem seja meu amigo. Sou o mesmo, esforço-me por me comportar cordialmente com todos. Porém, não consigo deixar de ser pouco amado por alguns.

Que mistério se esconde por detrás de experiências tão estranhas? Em concreto: sou eu o antipático? É-o o outro? Seremos os dois? Ou não é nenhum? Por onde teríamos que começar para vencer a antipatia?

Embora de forma simples, podemos tentar alguma reflexão. A actual psicologia interpessoal diz-nos, de forma bem clara, que em todo o homem há como que duas personalidades ou modos estranhos de ser: o compassivo, o bondoso, o prestável e grato e o hostil, defensivo, egoísta e rude...

Todo o homem tem essa dupla dimensão: é simpático e antipático. E dessas duas dimensões desenvolve aquela que sente lhe será mais útil e necessária. Mas concretamente se sente (e a palavra chave aqui é sentir e não saber) que tu és generoso para ele, ele pela sua parte sê-lo-á também contigo; se o cumprimentas, ele cumprimentar-te-á e com alegria semelhante àquela que tu lhe fazes sentir. Se, pelo contrário, sente que tu te aproximas de forma interesseira, ele pôr-se-á à defesa (mesmo inadvertidamente); de tal forma que se o cumprimentas, ele cumprimentar-te-á também, mas apenas por mera cortesia e nada mais. Como não sente o fluir do acolhimento da tua parte para com ele, não permitirá que dele flua o acolhimento para contigo.

A relação interpessoal está regida por uma lei a que Carl Rogers, psicólogo norte-americano, chama lei do acolhimento mútuo ou correlativo.* Prefiro chamar-lhe "lei do eco". Diz o seguinte: na convivência, o homem, mesmo inadvertidamente, responde como o eco: repete o que lhe fazem. Tal como o eco reproduz, diluída, a voz-origem, assim também o homem reproduz o que lhe fazem ou que ele pensa que lhe fazem. Em palavras simples: na convivência, o homem acaba por dar o que recebe e por receber o que dá. Doutra forma: o outro acaba por ser comigo aquilo que eu mesmo fui com ele.

Como qualquer homem temos duas possibilidades: ser bom ou mau, meigo ou duro, aberto ou fechado, transparente ou opaco. Acabamos por ser, repito, mesmo inadvertidamente, o que o outro nos faz ser.

* CARL R. ROGERS - *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 5ª edição, 1980.

Deste modo, vemos que ser simpático ou antipático, não são realidades anteriores e independentes da relação de convivência. São o resultado e a consequência do modo como nos relacionamos com os outros.

Voltemos ao princípio. Conviver com pessoas desagráveis não é pêscoada doce. Já o sabíamos. Mas já teríamos pensado que somos nós quem fazemos o outro simpático ou antipático?

Há um romance lindíssimo de Jack London, intitulado *O Lobo Branco*. O personagem principal é um cão de luta, resultante do cruzamento de uma loba e de um cão. É, por isso, metade lobo - selvagem, cruel, terrível - e metade cão - amigo, carinhoso, companheiro.

Há nele duas dimensões. Desenvolve a que lhe é mais necessária à sobrevivência. Enquanto passa por famílias que a única coisa que querem é ganhar dinheiro com ele nas lutas, o *lobo branco* torna-se cada dia mais cruel, mais terrível, mais... lobo.

Um dia encontra uma família que o trata apenas como um meigo e dócil cão. A pouco e pouco, o *lobo branco* torna-se naquilo que ele também é: um cão meigo, brincalhão, amigo, carinhoso.

A lição parece-me clara: todos somos *lobo branco*. Tornamo-nos simpáticos ou antipáticos de harmonia com a forma como somos tratados.

Ternura viril

Um outro ângulo: quantas vezes não damos connosco tolhidos pelo que os outros possam pensar de nós? O poeta Sebastião da Gama, no seu "Diário", tem um texto com sabor franciscano que diz tudo isto muito melhor :

*"A gente tem vergonha de beijar tudo, de amar as flores, de se enternecer com os animais, de dar um passeio. Se beija uma árvore é parvo; se traz uma flor na mão é maricas, se se enternece, é fraco; se acaricia uma menina, põe nessa carícia o sexo; se vai a qualquer parte passear e ver o mundo, faz constar que foi em viagem de estudo ou viagem de negócios. Temos vergonha de ser sinceros, de que nos creiam parvos, ou maricas, ou fracos, ou lúbricos ou estróinas. E então, perdemos o melhor da nossa vida a ludibriar os outros e a insultar as nossas intenções mais belas e generosas. Ó portugueses! é tempo de torcer o pescoço ao respeito humano."**

Por que não "deixarmos de ser o que fizeram de nós para finalmente nos encontrarmos com o que somos"?

E por que não ir construindo, sem preconceitos, a tão abafada cultura do afecto que exige uma ternura viril?

* SEBASTIÃO DA GAMA - *Diário*. Lisboa: Ed. Ática, 9ª edição, 1993. p. 63-64. Tenho para mim que este devia ser um dos livros de cabeceira de qualquer educador.

Dança comunitária

A vida não é uma dança à volta de nós mesmos. É uma dança em festa comunitária por onde passa o esforço das coisas pequeninas (a poda dos excessos numa crítica sistemática e aniquiladora, por exemplo).

A alegria leva-nos a dançar a vida, a olhar mais o sol do que as nuvens, a vivê-la como festa. E este é outro valor: *a vida como uma dança de festa comunitária*. Precisamos dos outros. São eles que nos arrancam do nosso umbigo. É com os outros que se descobrem coisas tão simples como estas: "*Uma alegria partilhada é uma dupla alegria e um desgosto partilhado é um meio desgosto*" (Jacques Deval). É com os outros que eu descobro que: "*Estar triste é quase sempre pensar em mim mesmo*" (Bernanos) e que por isso: *Ser capaz de ter alegria com a alegria dos outros, é esse o segredo da felicidade*.

Em suma, foi com os outros que Tagore aprendeu a constatar:

"Dormi e sonhava que a vida era só alegria.

Acordei e vi que apenas o serviço era vida.

Servi e verifiquei que o serviço era a alegria".

CONCLUSÃO

Embora subjacente, não desenvolvemos os já clássicos: relativismo, materialismo, permissividade, hedonismo, consumismo, cepticismo e, finalmente, niilismo. Juntos têm um tom devorador. Deles emerge um homem pessimista, desiludido, indiferente à verdade por comodismo, por não aprofundar questões substanciais*.

À lista sumária dos pequenos grandes valores, desejaria ter acrescentado outros: sexualidade, educação para o insucesso e, sobretudo, o paradoxal mas grande valor da DOR. Conservemos a vontade, guardemos as palavras.

Para concluir: dentro de nós há muitas vozes. A nossa vida é uma trança de encruzilhadas a interrogar-nos um rumo, a desafiar-nos uma decisão numa multiplicidade de valores exigentes. Da colheita destes grãos, depois de passados na mó da consciência, teremos um pão com sabor, ou não; teremos passado pelo Hiper-Macromercado com lucidez, ou não; teremos atravessado o rio com autonomia, ou não; teremos uma orquestra afinada, ou não; teremos encontrado a praia debaixo das pedras, ou não.

* Para um desenvolvimento destas temáticas, veja-se: ENRIQUE ROJAS - *El hombre light*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1994. Existe tradução portuguesa: *O homem light. Uma vida sem valores*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, (1994).



Bibliografia

Além da bibliografia citada nas notas, veja-se:

ALBERONI, Francesco - VECA, Salvatore - *O altruísmo e a moral*. 3ª. edição, Venda Nova: Bertrand Editora, 1993.

ANDRÉS, J. Flecha - *Teología moral fundamental*. Madrid, 1994. p. 213-236.

CHALIER, C - *Lévinas. L'utopie de l'humain*. Paris, 1993.

CORREIA, Carlos João - "Crítica da razão axiológica" in *Communio* (Jan-Fev. 1997). p. 34-42.

CUNHA, Jorge Teixeira da - "Valor, cultura e direitos humanos" in *Communio I* (Jan-Fev. 1997). p.43-51.

FERRY, Luc - *O homem-Deus ou o sentido da vida*. Porto: ASA, 1997.

FIGUEIREDO, Eurico - *No reino de Xantum, jovens e conflito de gerações*. Porto: Ed. Afrontamento, 1985.

FRANÇA, L. de (coord.) - *Portugal, valores europeus, identidade cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1993.

KAIERO URÍA, A. - *Valores y estilos de vida de nuestras sociedades en transformación*. Universidade de Deusto, 1994.

L'ÉVOLUTION des valeurs des Européens in *Futuribles 200* (Juillet-Août 1995).

RIFFAULT, H. - *Les valeurs des français*. Paris: PUF, 1994.

SUMARES, Manuel - "A forma que tomam os valores. A problemática do educador cristão" in *Communio I* (Jan-Fev. 1997). p. 63-69.

VIDAL, Marciano - *Moral de actitudes. I. Moral fundamental*. 8ª. edição, Madrid: Ed. Covarrulias, 1991.